

FHC prepara a desindexação

SERÁ A SEGUNDA ETAPA DO PLANO ECONÔMICO. VIRÁ EM SETEMBRO E PREVÊ A ÂNCORA CAMBIAL ADOTADA NA POLÔNIA.

BEATRIZ ABREU

O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, inicia em setembro, a segunda fase do programa de ação imediata adotando medidas que irão "preparar o terreno" para a desindexação da economia. Os estudos técnicos avaliam as várias alternativas para a estabilização econômica, e ganha adeptos o modelo utilizado pela Polônia, que prevê a adoção de uma âncora cambial, com a prefixação da variação da taxa de câmbio por tempo determinado.

O ministro Cardoso quer seguir o caminho da desindexação e irá, pessoalmente, negociar com o FMI um modelo de acordo que já incorpore a tese da adoção de âncoras para estabilizar a economia brasileira. A equipe avalia até mesmo a possibilidade de adiar a vinda da missão técnica do FMI, prevista para o final deste mês.

As medidas serão adotadas a curto prazo e têm um objetivo imediato: conter a aceleração da inflação. "As medidas estão sendo estudadas. Só posso garantir que não é nenhum choque ou pacote",

disse um graduado assessor. A equipe econômica chegou à conclusão de que o ajuste fiscal, sozinho, não será capaz de provocar uma queda da inflação. A estratégia de curto prazo prevê, inclusive, a utilização das reservas cambiais para financiar a importação de produtos e conter aumentos especulativos de preços.

**As medidas
estão sendo
estudadas. Só
posso garantir
que não é
nenhum choque
ou pacote.**

(De um assessor do
Ministério da Fazenda)

As reservas cambiais do País são da ordem de US\$ 25 bilhões, o que, segundo um assessor, garante ao governo tranquilidade para administrar pressões inflacionárias. Os técnicos afirmam que, neste momento, a melhor alternativa

técnica para conter a aceleração da inflação nos próximos meses é "uma puxada" nas taxas de juros. O problema, segundo os assessores, é convencer o presidente Itamar de que esta alta seria praticada somente no curto prazo. Segundo eles, esta política produz efeitos porque o ex-ministro Marcílio Moreira conseguiu uma queda de 27% para 18% no período de seis meses, praticando uma política monetária (controle do dinheiro em circulação) restritiva. Naquela época a política fiscal era fraca. Mas a política monetária era forte e o resultado foi a queda dos índices e da recessão.

Segundo esses assessores, a experiência polonesa, "com algumas adaptações", é a que melhor se adaptaria à realidade brasileira. Na Polônia, o índice de correção cambial e o período em que será praticado são anunciados previamente. Por exemplo, fixa o percentual de correção por três meses e, ao final do período avalia os resultados. Um novo percentual de correção passa a ser praticado pelo mesmo período de três meses.